



TERRITÓRIO, POESIA E IDENTIDADE¹

■ ROGÉRIO HAESBAERT

Departamento de Geografia - UFF

"A linguagem do geógrafo se torna sem esforço aquela do poeta (...). O rigor da ciência nada perde ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, escolher a imagem justa, luminosa (...). Uma visão puramente científica do mundo poderia muito bem designar, como nos indica Paul Ricœur, um "refúgio quando estou cansado de desejar e que a audácia e o perigo de ser livre me pesam"

(Eric Dardel, *L'Homme et la Terre*, 1952)

Em 1990 comecei a reunir material num pequeno dossiê que denominei "Pela liberdade criadora: Geografia e linguagem poética". Julgando muito ousado numa época em que ainda vivíamos os resquícios de mais uma das fases do pensamento geográfico caracterizada pela busca de um estatuto "científico" para a disciplina (desta vez marcada sobretudo pela lógica dialética), e temendo cair no extremo oposto, o de um "irracionalismo" do qual muitos dos chamados pós-modernistas vinham sendo acusados, guardei no fundo do baú aquela história de misturar meu lado poético (com alguns poemas publicados ainda na adolescência) e minha paixão pela geografia (com minúscula, pouco importa...).

Mas a poesia aqui e ali acabava sempre aflorando: Neruda e sua "Geografía Infructuosa", "vestido de água" e "cercando territórios com a força de plumagens", abriu minha dissertação de mestrado (depois livro, "RS: Latifúndio e Identidade Regional" [1988]) e em "China: entre o Oriente e o Ocidente" (1994), a riquíssima e algo transcendente experiência com o espaço tibetano me levou mais longe: transcrevi num poema aquele território "dilacerado em pedaços/ de misérias que não se separam nunca/ transfigurados pelos deuses" (p. 61).

Augustin Berque, meu professor durante a "bolsa sanduíche" na França em 92, abriu-me ainda mais os olhos para a possibilidade, enfim, de tentar superar a separação entre sensibilidade e razão, poesia e ciência, que a "modernidade"

ABRIU-ME AINDA
MAIS OS OLHOS
PARA A
POSSIBILIDADE,
ENFIM, DE TENTAR
SUPERAR A
SEPARAÇÃO ENTRE
SENSIBILIDADE E
RAZÃO, POESIA E
CIÊNCIA

¹ Este trabalho foi originalmente apresentado no I Seminário Geografia e Arte (29 e 30.11.95), na mesa-redonda "Geografia: Ciência ou Arte?", promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Niterói, a quem agradeço pelo convite e a oportunidade de desenvolver o tema.

ocidental acabou dicotomizando. Ele não só propõe reunir estes fragmentos como, sobretudo enquanto geógrafo, pretende fundir novamente sociedade e natureza, numa *trajection* em que o meio ou *milieu* (relação ao mesmo tempo física e sensível com o espaço e com a natureza), historicamente produzido, combina de forma ambivalente "o subjetivo e o objetivo, o físico e o fenomênico, o ecológico e o simbólico" (BERQUE, 1990:48).

O meio envolve assim uma dimensão física, o *environnement* (ambiente) e a *paisagem*, sua dimensão sensível e simbólica. Para definir o "sentido do meio", Berque desenvolve o conceito de *médiance*. Permeada por essa dupla dimensão, o meio:

(...) não existe senão na medida em que ele é experimentado, interpretado e organizado por uma sociedade: mas onde também, inversamente, esta parte do social é constantemente traduzida em efeitos materiais que se combinam com os fatos naturais. Todos esses efeitos vão em um determinado sentido que é a evolução objetiva do meio em questão; mas isto justamente na medida em que eles são, também, percebidos e representados em um determinado sentido pela sociedade; tais sentidos, então, atuam de maneira meio-subjetiva meio-objetiva nesta evolução (1985:32).

Assim, em minha tese de doutorado resolvi realizar algumas tentativas, não sei se bem sucedidas, de recuperar um pouco velhas tradições geográficas que aliavam a sensibilidade artística / paisagística do geógrafo, sua intuição, e sua capacidade de reflexão crítica sobre a realidade. Acabei utilizando poesias (músicas gauchescas, poemas baianos) e desenhos para retratar, com a minha visão e a dos que efetivamente vivenciavam os processos em curso, a geografia des-re-territorializadora resultante

do encontro entre sulistas e nordestinos. Voltarei ao tema mais à frente, a título de exemplificação para uma discussão um pouco mais ampla e aprofundada.

Falar sobre poesia e identidade com o território é falar, portanto, antes de mais nada, da dicotomia fundada pelo mundo moderno entre Ciência e Arte, Razão e Sensibilidade, e que explodiu nos anos 80 sob o signo do debate entre modernidade e pós-modernidade (v. nossa breve análise do tema em HAESBAERT, 1990). Sem poder entrar aqui na discussão complexa que envolve as várias correntes que acabaram se forjando a partir deste binômio, ressaltaríamos apenas que não se trata mais de vincular os "modernos" ao mundo da razão e do Iluminismo e os "pós-modernos" ao mundo da emoção e do Romantismo. Para se ter uma idéia do grau de controvérsia das interpretações, enquanto autores como CASTORIADIS (1990) denominam o pós-modernismo uma "época de conformismo generalizado", outros o entendem numa perspectiva essencialmente crítica (YUDICE, 1990). A verdade é que a modernidade "realmente existente" (outros preferem o termo "modernização"), fomentada e construída pelo capitalismo, foi/é um pouco como o socialismo: um projeto abortado - e abortado sobretudo porque foi/é ocidental-etnocêntrica (a tecnologia e a razão instrumental superando todos os constrangimentos da natureza) e porque sobrevalorizou a razão e a reprodução em detrimento da sensibilidade e da criatividade humana.

Falar em criatividade humana é falar em *Arte*. Mas, como não somos artistas, e os próprios artistas estão sempre vivendo alguma crise em termos da definição do que é *Arte*, iremos nos contentar com algumas definições muito simples e genéricas.

Começamos por lembrar que, por incrível que pareça, Arte vem do latim *ars*, talento, saber fazer, que inicialmente era associado com técnica, ou seja, ao que é feito pelo homem, ao *artificial*. Ora, mas este "artifício" ou criação comporta, segundo a edição atualizada do *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia* de André LALANDE (1993), "dois sentidos simetricamente inversos": pode estar subordinado "aos nossos fins práticos" ou "nos subordina a fins ideais e satisfaz (...) as atividades não-utilitárias"². O Dicionário Aurélio, por sua vez, define arte como a "atividade que supõe a criação de sensações ou estados de espírito, de caráter estético carregados de vivência pessoal e profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de prolongamento ou renovação" (HOLLANDA, 1986:176).

Poderíamos afirmar que no mundo moderno a arte deixou de ser técnica, e vice-versa. Filósofos como HABERMAS (1981) enfatizam a dissociação que a modernidade criou entre ciência (conhecimento objetivo, a "verdade"), moral (mundo social das normas, justiça) e arte (valorização estética, mundo subjetivo das vivências e emoções). O verdadeiro, o justo e o belo não mais coincidem num mesmo conjunto, amalgamado, por exemplo, pela dimensão do sagrado, da religião, como ocorria nas sociedades tradicionais. Para Octavio PAZ (1982[1952]):

(...) ao extirpar a noção de divindade o racionalismo reduz o homem. Liberta-nos de Deus mas nos encerra num sistema ainda mais férreo. A imaginação humilhada se vingará e do cadáver de Deus brotarão fetiches atrozés: na Rússia e em

outros países, a divinização do chefe, o culto à letra das escrituras, a deificação do partido, entre nós, a idolatria do próprio eu. Ser si mesmo é condenar-se à mutilação, pois o homem é apetite perpétuo de ser outro. A idolatria do eu conduz à idolatria da propriedade, o verdadeiro Deus da sociedade cristã ocidental chama-se domínio sobre os outros. Concebe o mundo e os homens como minhas propriedades, minhas coisas. O árido mundo atual, o inferno circular, é o espelho do homem cerceado em sua faculdade poetizadora. Fechou-se todo contato com os vastos territórios da realidade que se recusam à medida e à quantidade, como tudo aquilo que é qualidade pura, irreduzível a gênero e espécie: a própria substância da vida (p. 327-328).

É nessa esfera da arte e do estético que se inscreve, como uma de suas expressões, a *poesia*. Enquanto no senso comum geralmente se reduz o sentido de poesia ao primeiro significado proposto no Dicionário Aurélio, a "arte de escrever em verso", ela na verdade transcende em muito este significado e pode mesmo ser utilizada como sinônimo de estética, ou seja, aquilo que é relativo ao belo. Por isso preferimos, ainda utilizando o Aurélio, tratar poesia como "entusiasmo criador, inspiração" e/ou como "aquilo que desperta o sentimento do belo".

Sinônimo de emoção e ritmo, a poesia geralmente rompe com a linearidade e a funcionalidade promovidas pelo mundo moderno capitalista, onde a "forma deve seguir a função", e difunde o lúdico, o poder criador e a liberdade da imaginação. Apenas

² (...) de onde, por hibridação destas características primitivas da arte, o aspecto mágico, supersticioso, idolátrico que ela tomou nos próprios inícios da humanidade, de onde o devotamento, a devoção do artista à sua obra, de onde o culto místico pela arte nos mais civilizados. (Maurice Blondel)

Talvez não caiba procurar como a arte tomou um aspecto mágico e pseudo-religioso, se se refletir que a religião, sob todas as suas formas, é uma das fontes, e talvez a principal fonte, da obra estética. "Todas as artes", dizia Lamennais, "saíram do templo". (...) (André Lalande) (LALANDE, 1993:89, nota)

por isso a poesia já seria revolucionária³. Num mundo moldado pelo utilitarismo e a ética mercantil, o trabalho, ao mesmo tempo social (capitalística)mente sobrevalorizado e fonte de alienação⁴, destrói toda a iniciativa da "arte-tesão": o artesão que ao mesmo tempo produz valor de uso e/ou de troca e valor simbólico, valor estético onde pode de alguma forma se realizar afetiva e emocionalmente, responsável que se sente pela totalidade da obra produzida. Como afirmou Octavio PAZ (1982):

(...) a poesia não existe para a burguesia nem para as massas contemporâneas. O exercício da poesia pode ser uma distração ou uma enfermidade, nunca uma profissão: o poeta não trabalha nem produz. Por isso os poemas não valem nada: não são produtos suscetíveis de intercâmbio mercantil. O esforço que se gasta em sua criação não pode ser reduzido ao valor trabalho. (...) Como a poesia não é algo que possa ingressar no intercâmbio de bens mercantis, não é realmente um valor. E se não é um valor, não tem existência real dentro do nosso mundo (p. 296-297)⁵(...) Ao se reduzir o mundo aos dados da consciência e todas as obras ao valor trabalho-mercadoria, automaticamente expulsou-se da esfera da realidade o poeta e suas obras (p. 297).

SINÔNIMO DE EMOÇÃO E RITMO, A POESIA GERALMENTE ROMPE COM A LINEARIDADE E A FUNCIONALIDADE PROMOVIDAS PELO MUNDO MODERNO CAPITALISTA, ONDE A "FORMA DEVE SEGUIR A FUNÇÃO", E DIFUNDE O LÚDICO, O PODER CRIADOR E A LIBERDADE DA IMAGINAÇÃO SENDO NEGLIGENCIADO

A poesia tem um caráter duplamente "revolucionário": primeiro porque vai contra o mundo-mercadoria que cada vez mais domina a face do planeta, e seu caráter lúdico torna-se transgressor: ela não pertence à lógica e ao mundo da compra-e-venda. A poesia é gratuita, "não tem finalidade", sua utilidade é sua inutilidade: mostrar ao mundo da produção e do consumo sua contraface, oculta, sufocada - o mundo da imaginação e da sensibilidade, "incontrolável" mundo dos sentidos do qual a razão nunca vai tomar posse. Como disseram grandes poetas e escritores que sofreram nas prisões, a única coisa

que nunca pode ser aprisionada é a imaginação. E a imaginação pode nos proporcionar a poesia mais profunda, as viagens mais alucinantes; mesmo na clausura mais recôndita do mundo. Uma tribo canadense em perigo de extinção afirmou certa vez que, apesar de tudo, nunca poderiam lhes roubar seus sentimentos, "sua alma".

Amamos, sofremos e podemos, pelo menos na imaginação, expressar todos os sentimentos e todos os espaços do mundo. Essa "liberdade criadora" e este caráter lírico da poesia, onde o brotar das paixões que nela se expressa assusta e transgride as fronteiras da racionalidade do técnico e do empresário, são, neste sentido, "revolucionários":

³ A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza, exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo, cria outro (PAZ, 1982:15).

⁴ O trabalho, único deus moderno, deixou de ser criador. O trabalho sem fim, infinito, corresponde à vida sem finalidade da sociedade moderna (PAZ, 1984:184).

⁵ Para o burguês, a poesia é uma distração (...) ou é uma atividade perigosa; e o poeta um clown inofensivo (...) ou um louco e um criminoso em potencial. A inspiração é embuste ou enfermidade (...) (p. 283).

(...) exaltar o amor significa uma provocação, um desafio ao mundo moderno, pois é algo que escapa à análise e que constitui uma exceção inclassificável.

(...) O sonho, a divagação, o jogo dos ritmos, a fantasia, também são experiências que alteram sem possível compensação a economia do espírito e turvam o discernimento.

Para Octavio Paz, "todas as atividades verbais (...) são susceptíveis de mudar de signo e se transformar em poemas". A abertura para múltiplas significações é própria do discurso simbólico que caracteriza o poema. Como se sabe, os signos, representações ou substitutos da realidade concreta, podem se estender desde o extremo de uma reprodução direta e "literal" das coisas e fenômenos, como palavras que tenham apenas um sentido, diretamente vinculado a uma "realidade", até a pura invenção (o "imaginário radical" a que se refere Castoriadis), com um significado abstrato e subjetivo que pertence ao reino dos sonhos e/ou da imaginação e que, por ausência de um código padronizado, está aberto a todo tipo de interpretação, sugerindo as mais diversas imagens.

Admitimos o *símbolo* posicionado a um meio caminho: seu significado não pode ser nem totalmente fechado, lógico e objetivo, nem totalmente aberto, sem referência a uma realidade concreta. Como bem expressa CASTORIADIS (1982), ao mesmo tempo que "determina aspectos da vida em sociedade" o simbolismo está "cheio de interstícios e de

AMAMOS, SOFREMOS E
PODEMOS, PELO MENOS
NA IMAGINAÇÃO,
EXPRESSAR TODOS OS
SENTIMENTOS E TODOS OS
ESPAÇOS DO MUNDO

graus de liberdade":

A 'escolha' de um símbolo não é nunca nem absolutamente inevitável, nem puramente aleatória. Um símbolo nem se impõe como uma necessidade natural, nem pode privar-se em seu teor de toda referência ao real (so-

mente em alguns ramos da matemática se poderia tentar encontrar símbolos totalmente 'convencionais' - mas uma convenção que valeu durante algum tempo deixa de ser pura convenção). Enfim, nada permite determinar as fronteiras do simbólico (1982:144)⁶.

Como a escolha de um símbolo não pode privar-se de toda a referência ao "real", podemos associar essas reflexões ao nosso campo, a Geografia, e lembrar que muitos espaços expressam muito mais do que a manifestação concreta de seus prédios, estradas e montanhas. Neles há "espaços" ou, se preferirem, territórios (enquanto espaços concreta e/ou simbolicamente dominados/apropriados) de um caráter particular, especial, cuja significação extrapola em muito seus limites físicos e sua utilização material. É o que autores como POCHE (1983) denominam "espaços de referência identitária", a partir dos quais se cria uma leitura simbólica, que pode ser sagrada, poética ou simplesmente folclórica, mas que de qualquer forma emana uma apropriação estética específica, capaz de fortalecer uma identidade coletiva que, neste caso, é também uma identidade territorial.

⁶ O simbolismo pressupõe a capacidade imaginária, pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é, de vê-la diferente do que é. (...) na medida em que o imaginário se reduz finalmente à faculdade originária de pôr ou de dar-se, sob a forma de representação, uma coisa e uma relação que não são (que não são dadas na percepção ou nunca o foram), falaremos de um imaginário último ou radical, como raiz comum do imaginário efetivo e do simbólico (CASTORIADIS, 1982:154). Como se observa, o autor trata de forma muito mais geral a noção de simbólico, muitas vezes tomando-a como sinônimo de signico, e em outras restringindo a noção de símbolo à de significante.

Assim se formam ou se forjam identidades locais, regionais, nacionais etc. fortalecidas não apenas pelos territórios "de naturalidade", em seu sentido concreto, mas também por territórios simbólicos, como a Campanha Gaúcha (e, mais especificamente, a estância ou o latifúndio de pecuária extensiva) para a formação da identidade gaúcha e o Sertão nordestino para a identidade nordestina (pelo menos no decorrer deste século, quando suplantou a "Zona da Mata" e a vida do engenho). Imaginem quantos estereótipos estas identidades regionais não difundem e quantos deles não se encontram em nossas cabeças, ainda que não tenhamos plena consciência disso. Romances como *O Gaúcho*, de José de Alencar, e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, estão eivados de identificações estereotipadas e muitas vezes idealizadas sobre gaúchos e sertanejos, um moldado principalmente pela exuberância e as amenidades do Pampa, outro pela rusticidade e pelas agruras do Sertão semi-árido.

Imaginem agora estes dois grupos, estas duas identidades regionais, se encontrando em pleno sertão baiano, sul do Piauí e sul do Maranhão. A poesia de Clerbet Luiz, poeta de Barreiras, Bahia, pode nos dizer mais do que nossas palavras diriam:

*Quem engorda a natureza
magra e são-franciscana
por favor me sirva a mesa
farta de soja e de cana
não mastigue nosso irmão
que tem osso e bolso fraco*

*não o coma no churrasco
nem o beba no chimarrão.
Quem descobre que a beleza
é posseira nesta zona
sabe que ela é camponesa
e por ela se esgana
são escravos da riqueza
presos entre grades de cana
vêm comprar nossa lerdiza
com o poder de sua grana.
(Clerbet Luiz, "Banquete", Rodeios e Interiores)*

Embora entre os sulistas também existam classes expropriadas, predomina a visão do gaúcho, difundida até por alguns representantes dessas classes de despossuídos, descendentes de alemães e italianos, como o mais trabalhador, o mais politizado, o mais empreendedor etc. Se, como disse Boaventura dos SANTOS (1995:135), as "identidades são identificações em curso", (...) "plurais", elas são também "dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções" e é contra elas que devemos nos

(...) EXALTAR O AMOR
SIGNIFICA UMA
PROVOCAÇÃO, UM
DESAFIO AO MUNDO
MODERNO, POIS É ALGO
QUE ESCAPA À ANÁLISE E
QUE CONSTITUI UMA
EXCEÇÃO INCLASSIFICÁVEL

insurgir. Como afirmei em um artigo no jornal *Tribuna da Bahia*:

(...) é preciso superar os estereótipos do sulista aventureiro, desbravador a qualquer custo, e do baiano, preguiçoso e festeiro. Da ousadia e da racionalidade "moderna" de alguns sulistas e da resistência e da sensibilidade "tradicionais" de muitos baianos pode nascer um amálgama, inédito no país, ao entrecruzar culturas [e identida-

des] tão ricas e distintas - onde se mostre ao mesmo tempo a disciplina e o amor ao trabalho (contra a exploração e a usura) e o gosto pela vida, num ritmo que não massacre o homem nem o reduza à mera condição de máquina (re)produtora (HAESBAERT, 1991: 4).

Para manter e mesmo fortalecer os traços identitários do gauchismo (que se reforçam frente à alteridade baiana) difundem-se os Centros de Tradições Gaúchas que hoje acompanham os sulistas em toda a sua rede migratória pelo interior do país. Nestes clubes preserva-se o folclore e divulga-se o "nativismo", uma ligação com um território de origem com o qual muitos nunca tiveram contato, pois a maioria dos descendentes de imigrantes italianos e alemães, agricultores e empresários, permaneceu na Colônia ou Serra Gaúcha, antiga zona de florestas, separada dos "brasileiros" pecuaristas da Campanha (v. estes contrastes em determinados momentos do filme *O Quatrilho*), ou migrou para as cidades. Um dos instrumentos mais eficazes para reforçar os mitos do gauchismo (cujas raízes podem ser encontradas nas guerras de fronteira e na Revolução Farroupilha [1835-45]) está na música popular (ou "popularesca"), como nestes versos de um dos cantores mais populares do Sul, "Mano Lima", que meu pai, por exemplo, não cansa de escutar:

*Eu fui nascido neste torrão brasileiro
mas minha pátria
eu le garanto é o Rio Grande
sou gaúcho, veja bem que isso é uma raça
por qualquer lugar que eu ande
se por acaso um dia a morte me vier
um companheiro que puder me faça
cruzar o Butuí pois toda fruta
não fica longe do pé*

*me levem pro Mbororé
e me plantem de novo ali.*

O "poeta" estaria de tal forma vinculado à terra, e especialmente à "pátria gaúcha", que, mesmo após a morte, deseja nela ser "plantado". É o que muitos tradicionalistas gaúchos denominam *telurismo*, o apego à terra e à sua paisagem. Por mais críticos que sejamos com relação a esse tipo de apologia da "pátria", é inegável que ela mantém laços de solidariedade e estimula a vivência comunitária: uma "roda de chimarrão" ao redor de um "fogo de chão", por exemplo, ainda que regada de "causos", poemas e estórias míticas, é um momento lúdico em que o homem de alguma forma revive um ritual de confraternização com seus semelhantes e utiliza a liberdade de uma imaginação que preenche o vazio e a solidão deixados, muitas vezes, pelo árduo trabalho cotidiano.

FISCHER (1992), utilizando a distinção feita por Arnold Hauser em *Sociología del público* (Barcelona, Labor, 1977) entre arte popular, arte sublime e arte de massa (ou popularesca), afirma que a arte sublime ou simplesmente a "arte" se distingue da arte popularesca porque:

investe na reelaboração dos dados oferecidos pelo imaginário e pela tradição não na direção de glorificar o passado (...), nem no sentido de endeusar os heróis convenientes ou de amortecer as consciências; labora para expressar um ponto de vista humano, fragilmente humano, interessado em especular sobre coisas radicais como o sentido da vida, e não em elogiar o que quer que seja, principalmente os narcisismos, a que tanto se tem afeiçoado a gauchesca tradicional, na poesia e na canção (p. 107).

A mesma poesia/música que serve para enaltecer o "pago" e a "querência" tal qual estão estruturados,

ou seja, com a desigualdade sócio-espacial que contrapõe sem-terras e grandes latifundiários, pode ser utilizada para satirizar, ironizar, criticar essa situação. A rápida proliferação de eventos musicais "nativistas" por todo o Rio Grande do Sul, acompanhando a abertura política e o refortalecimento da identidade gaúcha a partir do final dos anos 70, evidenciou logo as múltiplas virtualidades e facções dentro do movimento regionalista.

Tomando por base as várias poesias e letras de canções analisadas por FISCHER (1992), podemos perceber essa dupla face com que a identidade territorial/regional gaúcha vai sendo (re)construída ao longo do tempo. No final do século passado, por exemplo, a sociedade "Partenon Literário" (1868-1885), cuja figura mais destacada foi a do romancista e poeta Apolinário Porto Alegre, teria sido fundamental para a criação de uma identidade gaúcha através do fortalecimento de um regionalismo literário, em geral romântico e ufanista. Muitas poesias acabaram se tornando relativamente populares, propagando ideais de igualdade ("identidade") entre patrões, estancieiros e seus peões, empregados, numa visão ao mesmo tempo idealizada e naturalista (o gaúcho visto em grande parte como "produto do Pampa", como já evidenciara claramente José de Alencar em seu romance *O Gaúcho*, de 1870).

Mesmo questionando o "resultado poético" dessas obras, FISCHER (1992:23 e 25-26) reproduz algumas poesias que primam pelo ufanismo regionalista:

*Aqui sou rei. Se lanço a frente dos céus
Tenho por teto o azul da imensidade,
Se desço logo, vejo a soledade,
O pampa a desdobrar em escarcéus.*

.....

*Meu companheiro és tu, meu corcel!
Se escutas o clarim, - eis-me a teu lado,
Aos ventos dizes tu, desassombrado:
- Parem! Que o deserto oiça o meu tropel!
(O gaúcho, de Apolinário Porto Alegre)
Na minha terra, lá... quando
O luar banha o potreiro,
Passa cantando o tropeiro,
Cantando... sempre cantando...
Depois, descobre-se o bando
Do gado que muge adiante,
E um cão ladra bem distante...
Lá... bem distante, na serra!
- Nunca foste à minha terra?
(Lá..., de Lobo da Costa)*

Hoje, ao lado dos "tradicionalistas", mais conservadores e muito bem representados na maioria dos Centros de Tradições Gaúchas, aparecem os "nativistas", que "não aceitam o controle do Movimento Tradicionalista Gaúcho, a cujos membros eles apelidaram de 'aiatolás da tradição', acusando-os de (...) 'patrulhamento folclórico'" (OLIVEN, 1993:405). No oeste baiano os "xiitas" do gauchismo são tratados como "bombachistas" (por sempre usarem bombachas, muito representativas na identificação do gaúcho). A leitura poética do gauchismo alcança assim, hoje, todas as versões possíveis: a lírico-romântica, ainda ufanista em torno de uma "terra pampeana" cada vez mais distante da realidade vivida; a crítica, levantando temas como a reforma agrária e denunciando a miséria e o racismo; e a irônica, brincando com os mitos criados em torno da figura heróica e nobre do gaúcho.

Para exemplificar, fica evidente uma linha crítica no olhar para com os despossuídos em "Ladainha dos tempos idos", de Dilan Camargo:

*Churrasco e chimarrão são tempos idos?
Expulsos dos campos mal divididos
emigram colonos seduzidos
para novos paraísos prometidos,
índios, povo de banidos
vagueiam doentes, perseguidos
enquanto meninos ricos, entorpecidos
matam, ferem, não são punidos
nestes amargos tempos vividos.*

(apud FISCHER, 1992:117)

A presença do negro, tão importante na formação da sociedade sulina (v. CARDOSO, 1977) mas renegada pela maior parte do tradicionalismo, inclusive numa visão racista, quando da criação de CTGs para negros (até há pouco tempo a distinção entre "clubes para brancos" e "clubes para negros" no interior do Rio Grande do Sul era tida como norma), é retomada pelo poeta Oliveira Silveira em "Terra de negros":

*Terra de estância
chbarqueada grande
negro se salgando
terra quilombo
choça e mocambo
negro lutando
e resistindo
se libertando
.....
terra favela
morro e miséria
e o negro nela
(breque) até quando?*

Para finalizar, a visão irônica, em geral muito mal recebida e talvez por isso muito pouco freqüente

na leitura do gauchismo - nas palavras de FISCHER (1992: 110):

Caso mais raro, às vezes a gauchidade é tratada com ironia. Há alguns anos, Kleiton e Kledir foram ao sucesso nacional com "Maria Fumaça", canção que enfoca com ar brincalhão várias caras-feias do patrimônio rio-grandense: numa melodia nada taciturna, de ritmo sacudido, um noivo reclama da lentidão do trem que o leva até Pedro Osório, onde vai casar com a filha de um fazendeiro. Lá pelas tantas, ele relembra:

*No dia alegre do meu noivado
Pedi a mão todo emocionado.
A mãe da noiva me garantiu:
- É virgem só que morou no Rio.
O pai falou: - É carne de primeira,
Mas se abre a boca só sai besteira.
Eu disse: - Fico com essa guria,
Só quero mesmo pra tirar cria.⁷*

Embora reduzida por alguns a mero instrumento de denúncia e por outros a simples enaltecimento do narcisismo individual/regional ou nacionalista, a dimensão poética extrapola em muito estas visões simplistas. Para o poeta irlandês Seamus Heaney, prêmio Nobel de literatura em 1995, por exemplo, a poesia é sobretudo liberdade de sentimentos e imaginação:

A ficção poética e o sonho de mundos diferentes nutrem os governos e os revolucionários. Exceto que governos e revolucionários forçam a sociedade a adaptar-se às formas de sua imaginação enquanto que habitualmente os poetas se dedicam sobretudo a fazer malabarismos com seus próprios sentimentos - e os de seus leitores -, com aquilo que é possível, desejável ou

⁷ Kleiton e Kledir jogam aqui tanto com as marcas do gauchismo (o machismo da "carne de primeira" e do "só quero mesmo pra tirar cria") quanto com um estereótipo identitário externo, o do carioca ("é virgem só que morou no Rio").

mesmo concebível. *A nobreza da poesia, dizia Wallace Stevens, é que ela 'é uma violência do interior que nos protege de uma violência do exterior'. É a imaginação rechaçando as pressões da realidade* (HEANEY, 1995: 36, grifo nosso).

A realidade do homem moderno é recheada de solidão, individualismo e de uma lógica mercantil-consumista que sufoca cada vez mais o seu lado poético, a sua imaginação criadora. Solitário como nunca, o homem moderno perdeu assim o sentido do comunitário, do solidário, do fraterno. E quando o busca, o faz sem critério, acriticamente, através de identidades as mais disparatadas, e nas mais diversas escalas (fundamentalismos religiosos, gangues neonazistas, máfias ilegais, extremismos nacionalistas). Quando estas identidades são elaboradas ou se reforçam através de um território, ou seja, de um espaço "sob controle", delimitado e dominado (além de simbolicamente apropriado), surgem fronteiras que, na defesa de uma alteridade negada ou quase inteiramente cooptada pelo capitalismo e a modernização tecnológica da sociedade de consumo, impedem qualquer diálogo e às vezes até mesmo o contato com o outro. Tratado como mero número de uma massa ou narcisisticamente encerrado em seu casulo pretensamente "autêntico", o homem se desterritorializa, se desqualifica e perde inclusive sua identidade com a natureza, alimento maior para a recriação simbólico-poética do/com o mundo.

O sentimento de solidão, nostalgia de um corpo do qual fomos arrancados, é nostalgia de espaço.

A REALIDADE DO HOMEM
MODERNO É RECHEADA DE
SOLIDÃO, INDIVIDUALISMO
E DE UMA LÓGICA
MERCANTIL-CONSUMISTA
QUE SUFOCA CADA VEZ
MAIS O SEU LADO
POÉTICO, A SUA
IMAGINAÇÃO CRIADORA.
SOLITÁRIO COMO NUNCA,
O HOMEM MODERNO
PERDEU ASSIM O SENTIDO
DO COMUNITÁRIO, DO
SOLIDÁRIO, DO FRATERNO

Segundo uma concepção muito antiga e encontrada em quase todos os povos, este espaço não é senão o centro do mundo, o 'umbigo' do universo. Às vezes, o paraíso se identifica com este lugar e ambos, com o local de origem, mítico ou real, do grupo. Entre os astecas, os mortos regressavam a Mictlán, lugar situado ao norte, de onde tinham emigrado. Quase todos os ritos de fundação, de cidades ou de moradas aludem à busca deste centro sagrado do qual fomos expulsos. Os grandes santuários - Roma, Jerusalém, Meca - encontram-se no centro do mundo ou o simbolizam e prefiguram. As peregrinações a estes santuários são repetições rituais do que cada povo fez num passado mítico, antes de estabelecer-se na terra prometida. O costume de dar uma volta ao redor da casa ou da cidade [no caso dos tibetanos, do monastério ou do "chorten"], antes de transpor suas portas, tem a mesma origem. (PAZ, 1984:187-188)

O mundo contemporâneo perdeu seu(s) centro(s) e nossos espaços de referência identitária se tornaram fluidos, desconectados, ou simplesmente desapareceram. Onde encontrá-los quando os muros do Kremlin e do Pentágono não representam mais do que o poder de um grupo seletivo, a corrupção e o gerenciamento da guerra? Já desde o Racionalismo Iluminista havíamos sido "expulsos do centro do mundo" e "condenados a procurá-lo por selvas e

desertos subterrâneos" como no mito do Labirinto (PAZ, 1984:188). Muitos buscam, num retorno à natureza e ao esoterismo, o encontro de um novo "centro do mundo" (vide o papel de espaços tidos como "de emanção espiritual" como Visconde de Mauá e Lumiar no Rio de Janeiro, São Tomé das Letras em Minas Gerais e o Vale do Amanhecer em Brasília, lugares que representam muito mais do que a realidade física que manifestam). Dicotomizamos História e Mito, Ciência e Poesia. Estamos pagando o preço sob a turbulência e a fragmentação de um "pós-modernismo" muitas vezes reacionário e unilateralmente mítico-poético.

Precisamos restaurar a interpretação poética na Geografia (como a História, às vezes com certo exagero, há muito vem retomando). DARDEL (1990[1952]), considerado um dos precursores da Geografia Humanística, já sugeria que a Terra era com um livro a decifrar - seja como uma obra científica, eu diria, seja como um romance ou um poema. Porque cada cultura, cada grupo e às vezes até mesmo cada indivíduo preenche seu espaço não apenas com um conjunto de instrumentos e "utilitários" mas também de emoção e de sensibilidade. Como disse Dardel, uma profunda e misteriosa *geograficidade* e desenha entre o homem e a Terra. Decifrá-la apenas com os instrumentos da razão, da objetividade e da crítica, apesar de imprescindível, nunca será, contudo, suficiente. Ou, como se expressou mais recentemente Armand Frémont:

É uma nova geografia que há que inventar, rompendo ainda divisórias entre disciplinas, com

geógrafos abertos à literatura e à arte e homens de letras a par da geografia. As especializações atuais progridem muito pouco neste sentido. Em última análise, a pedagogia do espaço deve ser criativa. (...) sobretudo quando se impõe como objetivo a elaboração de documentos de síntese que fazem apelo a uma certa imaginação, ao mesmo tempo que ao espírito de análise. Mas é preciso ir mais longe, incitar à crítica do que existe, recusar a ordem do "standard", suscitar a elaboração de projetos que dêem aos lugares habitados, aos espaços de reunião, às regiões a viver, as cores e as formas, as necessidades e os sonhos das imaginações jovens.

Descobrir o espaço, pensar o espaço, sonhar o espaço, criar o espaço... Uma pedagogia nova para um espaço vivido deve tomar em conta estas quatro exigências. (FRÉMONT, 1980[1976]:262).

ESTAMOS PAGANDO O
PREÇO SOB A TURBULÊNCIA
E A FRAGMENTAÇÃO DE UM
"PÓS-MODERNISMO"
MUITAS VEZES
REACIONÁRIO E
UNILATERALMENTE
MÍTICO-POÉTICO

Sem cairmos numa nostalgia inócua, precisamos reler clássicos como Humboldt, Reclus e Vidal de La Blache com olhos mais abertos para a riqueza de seus discursos, de suas linguagens. Plenos de sensibilidade e razão, muitas vezes eles eram menos dicotômicos do que nós, que tanto criticamos essas dicotomias. Talvez justamente por não valorizarmos a beleza de um texto bem escrito, que ajude não apenas a explicar mas também a compreender, e que conquiste o leitor não apenas pela razão mas também pela sua riqueza estética, é que estamos tão distantes do grande público que, ainda assim, continua um apaixonado por novas paisagens, pelo novo

desenho geopolítico do mundo, pelo ressurgimento e pelo confronto de identidades (numa época em que, mesmo com muitas áreas de acesso restrito, o turismo é a segunda maior fonte de renda do planeta). Não custa nada fazer um esforço e levar nossa mensagem para além do circuito acadêmico e universitário. Trata-se de restaurar aquilo que Paz, num sentido muito amplo de poesia, considera "a metade perdida do homem".

Ainda é uma quimera reconciliar poesia e ato, "palavra viva e palavra vivida, criação da comunidade e comunidade criadora", como diz PAZ (1982:309). Na utopia comunicativa de Jurgen Habermas haveria uma "situação ideal" em que os homens poderiam chegar a um entendimento mútuo sobre questões vinculadas ao mundo objetivo das coisas (ciência), ao mundo social das normas (moral) e ao mundo subjetivo das vivências e emoções (arte). Não seria uma fusão dos três mundos como ocorria nas sociedades tradicionais, pois qualquer volta à indiferenciação arcaica privaria o homem dos ganhos de autonomia proporcionados pela modernidade cultural, mas uma interpretação das diferentes esferas, que preservariam sua identidade, mas deixariam de ser estanques. É a utopia iluminista da vida guiada pela arte e pela ciência. É a utopia da modernidade incompleta (ROUANET, 1988: 227-228).

Utopias à parte, não custa, entretanto, batalhar por um mundo em que rompendo com os dualismos, se assumia um projeto profundamente renovador, que nunca se pretenda acabado, que respeite a diversidade [as identidades] e assimile, ao lado da igualdade e do "bom senso", a convivência com o conflito [que só é possível frente à dife-

O HOMEM É DOTADO
NÃO APENAS DO PODER DE
(RE) PRODUZIR, MAS
SOBRETUDO DE CRIAR, E
QUE A CRIAÇÃO É
SUFICIENTEMENTE ABERTA
PARA NÃO SE RESTRINGIR
ÀS DETERMINAÇÕES DA
RAZÃO

rença do Outro, à alteridade] e a conseqüente busca permanente de novas alternativas para uma sociedade menos opressiva e condicionadora - onde efetivamente se aceite que o homem é dotado não apenas do poder de (re)produzir, mas sobretudo de criar, e que a criação é suficientemente aberta para não se restringir às determinações da razão (HAESBAERT, 1990: 84).

O território, aí, não seria um simples instrumento de domínio político e/ou espaço público de exercício de uma (pretensa) cidadania, mas efetivamente um espaço de identificação e (re)criação do/com o mundo, a "natureza".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERQUE, A. 1985. Milieu, trajet de paysage et déterminisme géographique. *L'espace géographique*. n° 2/1985: 99-104.
- _____. 1990. *Médiance: de milieu en paysages*. Montpellier, GIP-Reclus.
- CARDOSO, F. H. 1977. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- CASTORIADIS, C. 1982. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. 1990. *Le monde morcelé: les carrefours du labyrinthe III*. Paris, Seuil (ed. brasileira: 1992. *O mundo fragmentado - encruzilhadas do labirinto III*. Rio de Janeiro, Paz e Terra).
- DARDEL, E. 1990 (1952). *L'homme et la terre*. Paris, CTHS.
- FISCHER, L. 1992. *Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje*. Porto Alegre, Ed. da Universidade.
- FRÉMONT, A. 1980 (1976). *A região, espaço vivido*. Coimbra, Almedina.
- HABERMAS, J. 1981. *Théorie de l'agir communicationnel* (2 vols.). Paris, Fayard.
- HAESBAERT, R. 1988. *RS: Latifúndio e Identidade Regional*. Porto Alegre, Mercado Aberto.
- _____. 1990. Filosofia, Geografia e crise da Modernidade. *Terra Livre*, n° 7, p. 63-92, São Paulo, AGB-Marco Zero.
- _____. 1991. Baianos & gaúchos. *Jornal Tribuna da Bahia*, Salvador, 24.07.1991:4.
- _____. 1995. "Gaúchos" no Nordeste: Modernidade, Desterritorialização e Identidade. Tese de Doutorado. São Paulo, USP.
- HEANEY, S. 1995. "La poésie, le redressement". *Courrier International* n° 261, 2 a 8.11.1995 (traduzido do jornal *The Guardian*).

- HOLLANDA, S. B. 1986. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- LALANDE, A. 1993. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes.
- NERUDA, P. 1972. *Geografia Infructuosa*. Buenos Aires, Losada.
- OLIVEN, R. 1993. São Paulo, o Nordeste e o Rio Grande do Sul. *Ensaio FEE* ano 14, n° 2. Porto Alegre, Fundação de Economia e Estatística.
- PAZ, O. 1982 (1956). *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- _____. 1984. *O labirinto da solidão e post-scriptum*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- POCHE, B. 1983. "La région comme espace de référence identitaire". *Espaces et Sociétés*, n° 42: 3-12, jan.-jun.
- ROUANET, P. 1988. *As razões do Iluminismo*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras.
- SANTOS, B.S. 1995. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Cortez.
- YUDICE, G. 1990. O pós-moderno em debate (entrevista). *Ciência Hoje* vol. 11, n° 62, p. 46-57. São Paulo, Soc. Bras. para o Progresso da Ciência.